

Dr. Daniel J. Treier , Provérbios , Sessão 3

Provérbios 10-29, Vícios

© 2024 Daniel Treier e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Daniel J. Terier em seu ensinamento sobre Provérbios para a Vida Cristã. Esta é a sessão número três, Provérbios 10-29, Vícios Capitais.

Esta é a nossa terceira palestra sobre a leitura de Provérbios para a Vida Cristã, abordando agora Provérbios 10-29 em termos de sete vícios capitais.

O ensino cristão tradicional sobre virtudes e vícios pode nos ajudar a sintetizar e aplicar a sabedoria moral coletada em Provérbios . Embora Provérbios individuais sejam memoráveis, e às vezes vários Provérbios sejam colocados juntos em grupos temáticos, a aplicação desses Provérbios pode parecer muito esporádica quando os encontramos em contextos particulares, às vezes quase isolados. Ser específico da situação faz parte da sua genialidade, mas esta genialidade pode esconder a sua coerência em maior escala.

A sua visão partilhada do que significa temer ao Senhor, mantendo os laços da fidelidade à aliança e do florescimento comunitário no contexto do mundo criado. Idealmente, a tradição das virtudes cardeais e teológicas oferece uma linguagem para comunicar a visão moral positiva de Provérbios. Os seres humanos, porém, estão agora transbordando de loucura egoísta, de idolatria em vez de fidelidade a Deus, e de injustiça em vez de caridade.

Os vícios, o oposto das virtudes, precisam de um dia no tribunal. Nos círculos cristãos, os vícios cruciais tornaram-se erroneamente conhecidos como os sete pecados capitais. Filmes, documentários e até livros agora exploram esse paradigma, às vezes até celebrando os pecados.

Mas o foco típico nos pecados, que as pessoas associam a atos específicos, já distorce o que este paradigma pretende abordar. Os vícios capitais são chamados assim porque são disposições pecaminosas das quais brotam outros pecados, como raízes de flores e árvores. Como tal, os vícios capitais lidam demasiado com o coração para o conforto de qualquer pessoa, e não apenas para os resultados comportamentais.

Assim, eles oferecem uma receita não para o legalismo ou o desespero, mas para o autoconhecimento que acompanha um relacionamento de aliança com Deus e, em última análise, uma nova vida em Cristo pelo Espírito. Os pagãos podem reconhecer os problemas associados a pelo menos alguns dos vícios, mas o desejo desordenado é a sua raiz. Assim, a menos que uma pessoa tenha os seus desejos curados pelo amor de Deus, qualquer tentativa de vencer estes vícios irá basicamente deslocar-se

nas cadeiras do convés do Titanic, porque conquistar temporariamente a luxúria ou a gula ou algo semelhante só pode aumentar a escravização ao orgulho.

Isso é verdade pelo menos no nível da vida individual. Mas, novamente, como vimos na última palestra, há também algum incentivo e valor social em fazer com que as pessoas percebam pelo menos o autocontrole parcial para superar certos vícios e a realização parcial de certas virtudes. Agora, existem várias listas cristãs destes vícios.

Nem sempre são sete. Por uma questão de simplicidade e economia, aqui vou tratar do sete e colocar a vanglória, que comumente aparece nessas listas, vou colocá-la sob o título de orgulho. O orgulho é geralmente considerado a raiz fundamental desses vícios capitais.

Não há relacionamento ordenado entre todos os outros. Não existe uma ordem exata que sempre venceu, mas o orgulho geralmente é visto como algo que está na raiz. Aqui, procederemos no sentido inverso da ordem de Dante.

Seus círculos do inferno e terraços da montanha do purgatório implicam que os respectivos vícios descem cada vez mais longe do temor de Deus, enquanto uma ascensão em direção à pureza deve começar com o confronto com o orgulho. A ordem geral, então, na qual vamos tratá-los reflete cada vez mais o oposto da verdadeira caridade, com o orgulho como o oposto final, e depois a inveja, a ira, a preguiça, a ganância, a gula e a luxúria. Vamos começar com a luxúria porque, de certa forma, para Dante e muitos outros, não é que isso seja o mais distante da verdadeira caridade, é que esse é o afastamento mais fácil da verdadeira caridade.

E assim, começaremos com a luxúria e iremos subindo. Começar pela luxúria nos indicará o fato de que todos exercem sua liberdade à luz de vários amores, à luz de vários desejos. E estes vícios refletem vários aspectos do amor próprio e do amor ao mundo que contradizem o amor a Deus e o amor ao próximo, nos quais se encontra a verdadeira sabedoria e a verdadeira justiça.

Assim, para Dante, três vícios, ira, inveja e orgulho, prejudicam distintamente os outros através do amor a si mesmo. A preguiça é um vício que reflete um amor defeituoso por Deus, no qual nosso amor por Deus carece de todo o coração. E então três outros vícios, luxúria, gula e ganância, envolvem amor excessivo pelos bens da criatura em relação a Deus.

Então, de certa forma, ele está sugerindo um tipo de pedagogia na qual começamos nosso retorno a Deus abordando nosso amor excessivo pelos bens da criatura, amando mais plenamente o próprio Deus, e então somos capazes de parar de prejudicar os outros através do nosso amor por nós mesmos. É claro que a própria flexibilidade destas listas da tradição cristã, tanto no conteúdo como na ordem dos vícios, reconhece que existem numerosas inter-relações entre os nossos desejos

desordenados. A presente lista começa com o pecado mortal que está sujeito à maior zombaria na cultura ocidental contemporânea: a luxúria.

A tradição cristã é tratada, não menos por muitos teólogos, como uma fonte de pudor que nega o corpo, na melhor das hipóteses, e de repressão, na pior. Não há dúvida de que existem alguns elementos pouco saudáveis entre os pensadores cristãos clássicos quando se trata de ética sexual. No entanto, longe de simplesmente desprezarem o corpo, eles na verdade reconheceram a sua influência integral na pessoa humana de forma mais aguda do que muitos contemporâneos.

Precisamente a nossa apreciação dos bens físicos exige, como diz Rebecca de Young, que não tentemos usá-los para saciar as nossas necessidades espirituais, o que impulsiona tanto a nossa luxúria como o hábito de tentar arquitetar a nossa própria felicidade para nós próprios, nos nossos próprios termos. . A luxúria, em outras palavras, floresce das raízes do orgulho. Grande parte da oposição de Provérbios à luxúria já veio à tona nos capítulos 1 a 9. Se esses textos retratam não apenas o adultério físico, mas também até certo ponto o adultério espiritual, isso é apropriado porque o último, o adultério espiritual, envolve a dinâmica do amor próprio que quebra a aliança. .

Provérbios não para de alertar sobre esses perigos depois do capítulo 9. Por exemplo, em 22:14, a boca de uma mulher dissoluta é um buraco fundo. Aquele com quem o Senhor está irado cai nisso. Observe que em alguns desses Provérbios, a adúltera se torna um instrumento de punição divina pela loucura e pelo adultério espiritual em geral.

Conseqüentemente, o prazer amoroso e, a propósito, a luxúria não tem a ver apenas com sexo, trata-se de prazer de forma mais ampla, o prazer amoroso pode levar à pobreza, de acordo com Provérbios. Quem ama o prazer sofrerá carência. Quem ama o vinho e o azeite não ficará rico, 21:17. Pessoas dominadas por seus desejos acabam passando o dia inteiro planejando como fazer o mal, 21:25 e 26, e 24:8 e 9. No entanto, algumas pessoas podem neutralizar esse desejo desenfreado.

O desejo dos justos termina apenas no bem, a expectativa dos ímpios em ira, 11:23. A vitória sobre a luxúria, portanto, não reside em nos tornarmos criaturas sem desejo, uma tarefa impossível. Pelo contrário, a vitória reside em reordenar o objeto, a natureza e a extensão dos nossos desejos, de modo que a justiça substitua as maquinações malignas e egoístas. No que diz respeito ao sexo em particular, um casamento saudável pode ser um componente crucial desse desejo reordenado que Provérbios exige.

No entanto, as pessoas não devem ser ingênuas, pois muitas campanhas bem intencionadas de abstinência parecem tratar do sexo conjugal para resolver o problema da luxúria. Não, faz parte de uma forma mais abrangente de cura. Além

disso, outros elementos do shalom, nos quais Provérbios baseia o seu apelo à castidade, um bom nome, recursos adequados, segurança, harmonia social em vez de conflitos, e assim por diante, estes outros elementos do shalom também podem tornar-se desordenados, como demonstram vários outros vícios. , se a nossa busca por shalom não for orientada pelo temor do Senhor, em última análise.

A tradição cristã reconhece que os vícios, tal como as virtudes, estão interligados. Os padres acreditavam que os prazeres da mesa, em particular, conduziam inexoravelmente aos da carne. Então faltam apenas alguns passos para o ciúme, a raiva, a violência e a preguiça espiritual que destrói a alma.

O caminho para o coração de um homem passa pelo estômago, diz Kleinberg. Assim, a gula e a luxúria, o amor ao prazer, particularmente o prazer sexual, e o amor à comida e à bebida estão ligados. Mas a gula não é tão simples quanto comer ou desfrutar demais.

Rebecca de Young sugere a sigla FRESH para resumir a variedade de erros que estão em jogo aqui. Comer meticulosamente, vorazmente, excessivamente, suntuosamente, precipitadamente. A gula, em outras palavras, incorpora a preocupação consigo mesma em relação à comida, usando-a para satisfazer a alma separada de Deus.

Embora a gula possa ser uma questão de farras, comida reconfortante, fast food, desejo por doces ou algo semelhante, alternativamente, pode envolver ascetismo injusto ou preocupação com o controle de peso. Provérbios associa os ímpios ao desejo por comida. O Senhor não deixa o justo passar fome, mas frustra o desejo dos ímpios, 10:3. De acordo com 20:13, Deus provê pessoas justas que trabalham.

Não ame dormir, caso contrário você cairá na pobreza. Abra os olhos e você terá bastante pão. Deus atende às necessidades genuínas do nosso ventre.

No entanto, a satisfação plena é encontrada em outro lugar. 18:20, do fruto da boca o estômago fica satisfeito. O rendimento dos lábios traz satisfação.

Em outras palavras, esse paralelismo intrigante em relação à boca localiza a plena satisfação na retidão e na sabedoria, conforme demonstrado, por exemplo, na fala oportuna, no que sai da nossa boca e não no que entra. , nem pouco nem muito. Se você encontrou mel, coma apenas o suficiente para você, ou então, tendo muito, você vomitará, 25:16.

Não é bom comer muito mel ou buscar honra em cima de honra, 25:27. O apetite saciado rejeita o mel, mas para um apetite voraz, até o amargo é doce, 27:7. Quantos de nós temos que admitir que pegamos alimentos extras em festas ou na mesa de jantar, e temos a bizarra consciência de que desejamos mais possuí-los no lugar de

outros do que comê-los para um prazer genuíno em determinado momento? Provérbios confronta ainda mais a loucura relacionada à bebida.

O vinho é escarnekedor, bebida forte, briguento, e quem por ele se desvia não é sábio, 20 versículo 1. Quem ama os prazeres sofrerá carência, quem ama o vinho e o azeite não enriquecerá, 21:17. Não esteja entre os bebedores de vinho ou entre os glutões comedores de carne, pois o bêbado e o glutão cairão na pobreza e a sonolência os vestirá de trapos, 23:20 e 21. Na verdade, a gula facilmente promove outros vícios, como a preguiça, e Provérbios trata detalhadamente dos perigos do vinho no capítulo 23.

A gula tem implicações sociais. Aqueles que guardam a lei são filhos sábios, mas os companheiros dos glutões envergonham os seus pais, 28:7. Agora, embora a preocupação com a reputação apresente vários perigos, que logo virão à tona quando se trata de inveja, vanglória e orgulho, permanece em Provérbios uma forma saudável de consciência social sobre as percepções dos outros sobre o nosso autocontrole.

Contra o escrúpulo excessivo e também contra as consciências cauterizadas, a mensagem de Provérbios quando se trata de comida e bebida é consistente com 1 Coríntios 10:31. Quer você coma, beba ou faça o que fizer, faça tudo para a glória de Deus e promova a glória de Deus, isso significará alguma autoconsciência sobre as percepções sociais de nosso autocontrole. Assim como a luxúria e a gula, a avareza ou a ganância lidam com desejos disformes. De Young ressalta que Tomás de Aquino descreve o objeto da ganância como o dinheiro ou qualquer coisa que o dinheiro possa comprar, considerado útil ou lucrativo.

A luxúria e a gula, por outro lado, envolvem um desejo por coisas na medida em que nos proporcionam prazer físico. Assim, pelo menos no início, a ganância relaciona o dinheiro com o prazer instrumentalmente como um meio para obter esse fim. Mas eventualmente, e ironicamente, esta forma de auto-absorção, a ganância, substitui o dinheiro por aquilo que compra.

O dinheiro torna-se um fim em si mesmo, e não apenas um meio para atingir algum outro prazer. Emblematicamente, o usurário, o agiota, tenta ganhar dinheiro com dinheiro e não com trabalho, com o dinheiro substituindo tudo o que é verdadeiramente valioso, como a amizade ou o amor. A extensão de tal tragédia faz da ganância uma espécie de hidropisia espiritual, nas palavras de Schiml .

É caracterizada por uma sede insaciável de água, mesmo que o corpo já esteja cheio de líquido. A hidropisia física e espiritual também são semelhantes, pois quanto mais o aflito tenta satisfazer sua sede, mais sua sede é estimulada. A ganância ocorre quando nosso amor ao dinheiro se torna assim, como hidropisia espiritual.

No entendimento clássico, as virtudes situam-se entre os extremos do vício de ambos os lados. A virtude à qual a ganância se opõe é a liberalidade, o uso livre e astuto do dinheiro para satisfazer as necessidades dos outros e de si mesmo. Aparentemente o oposto da ganância, a prodigalidade, por outro lado, desperdiçando dinheiro, por outras palavras, também viola a liberalidade, usando o dinheiro livre e engenhosamente para satisfazer as necessidades dos outros e de si mesmo.

E desperdiçando dinheiro, a prodigalidade pode até ser considerada avarenta, gananciosa. Embora careça de uma forma de apego ao dinheiro que conduza a uma gestão cuidadosa, esse desperdício ainda reflecte um desejo excessivo pela utilidade do dinheiro. Por outro lado, a pessoa mesquinha, cujos hábitos de consumo parecem prudentes, talvez também seja avarenta.

Eles podem acumular dinheiro devido a um desejo disforme de diversão no futuro ou por medirem sua própria vida pelo próprio dinheiro. Não é de admirar, então, que o amor ao dinheiro seja a raiz de todos os tipos de males, 1 Timóteo 6:10. João Cassiano trata a traição de Judas a Cristo como uma parábola de avareza. Aprendendo com isso, que a avareza nos leva a trair a humanidade uns dos outros.

Ao fazê-lo, traímos também a nossa própria humanidade. Uma das ilustrações mais marcantes nas escrituras é o assassinato de Nabote por Acabe e Jezabel para adquirir sua vinha. A história termina com esta frase reveladora.

Na verdade, não houve ninguém como Acabe que se vendeu para fazer o que era mau aos olhos do Senhor, instigado por sua esposa Jezabel. Isso está em 1 Reis 21. Tal como acontece com outros vícios, o orgulho está por trás da avareza.

Somos gananciosos, querendo dinheiro por si só, como uma espécie de medida de nós mesmos. Mas, ironicamente, o orgulho precede a queda. A pessoa gananciosa acaba perdendo a dignidade de si mesma porque se torna escrava de ter dinheiro.

Deveríamos acrescentar alguns princípios relevantes sobre a riqueza que são destacados especificamente em Provérbios. Não terei tempo para abordá-los detalhadamente, mas pelo menos precisamos traçar um perfil deles em geral. Número um, o ganho ilícito não é, na verdade, lucrativo.

Provérbios confronta a ganância de várias maneiras. A riqueza obtida às pressas diminuirá, mas aqueles que a juntam pouco a pouco irão aumentá-la, 13:11. Aqueles que são gananciosos por ganhos injustos criam problemas para suas famílias, mas aqueles que odeiam subornos sobreviverão, 15:27, etc.

Para Provérbios, desfrutar da riqueza está vinculado a adquiri-la corretamente, não apenas nos exonerando por evitar o comportamento criminoso, mas considerando

como o nosso ganho afeta a nossa comunidade. Em segundo lugar, a aquisição de riqueza envolve um conjunto complexo de factores. Provérbios reconhece que a bênção soberana de Deus traz riqueza.

A bênção do Senhor enriquece e ele não acrescenta tristeza, 10:22. Mas os factores humanos também são pertinentes e nem sempre positivos. Os tímidos ficam desamparados, mas os agressivos ganham riquezas, 11:16.

Por que os tolos deveriam ter um preço em mãos para comprar sabedoria quando não têm intenção de aprender, 17:16? Além disso, até a aparência de riqueza pode enganar. Alguns fingem ser ricos, mas não têm nada. Outros fingem ser pobres, mas possuem grande riqueza, 13:7.

Portanto, a aquisição de riqueza é complexa. A riqueza beneficia aqueles que não a agarram com muita força. Em terceiro lugar, a riqueza dos ricos é a sua fortaleza.

A pobreza dos pobres é a sua ruína, 10:15 . Portanto, Provérbios é realista ao afirmar que precisamos de algum dinheiro para funcionar. Mas uma passagem como 18:11 sugere uma ironia mais ampla.

A riqueza dos ricos é a sua cidade forte. Na imaginação deles, é como um muro alto. Mas até que ponto estamos realmente seguros da nossa riqueza? Bem, 1 Timóteo 6, penso eu, é consistente com Provérbios quando diz, para aqueles que na era atual são ricos, ordena-lhes que não sejam arrogantes ou que coloquem suas esperanças na incerteza das riquezas, mas sim em Deus, que ricamente nos fornece tudo para nosso prazer, versículo 17.

E então os versículos 18 e 19 continuam com respeito aos ricos que devem fazer o bem, serem ricos em boas obras, generosos e prontos para compartilhar, acumulando assim para si o tesouro de um bom fundamento para o futuro, para que possam tomar posse da vida que realmente é vida. A vida que realmente é vida envolve tanto uma esperança solidamente ancorada para o futuro como, muitas vezes, algum desfrute da provisão temporal de Deus. Mas se quisermos o lucro final, Provérbios tentará nos fazer pensar sobre o que é melhor do que outras coisas.

Assim, as riquezas não aproveitam no dia da ira, mas a justiça livra da morte, 11:4. Melhor é um pouco com o temor do Senhor do que um grande tesouro e problemas com ele. Melhor é um jantar de vegetais onde o amor está do que um boi cevado e com ele o ódio, 15:16 e 17. Poderíamos listar vários outros exemplos desse tipo de ditado melhor do que.

Deus nos fez trabalhar, da perspectiva de Provérbios, por recursos que atendam às necessidades de nossa família e proporcionem deleites moderados que sejam desfrutados com gratidão como dádivas divinas. No entanto, a riqueza confronta os

humanos pecadores com perigos idólatras e opressivos. Olhando brevemente para o futuro, Provérbios 30, 8 e 9, não me dê pobreza nem riqueza, alimente-me com a comida que preciso, ou ficarei satisfeito e negarei você e direi: quem é o Senhor? Ou serei pobre e roubarei e profanarei o nome do meu Deus.

Este ditado de sabedoria é ecoado por Jesus quando ele nos ensina a orar dizendo: o pão nosso de cada dia nos dá hoje. O vício da preguiça, em quarto lugar, recebe um tratamento multifacetado em Provérbios. Em primeiro lugar, a provisão divina é geralmente mediada através de trabalho árduo, sendo a preguiça um factor crucial, mas de forma alguma exclusivo, por detrás da pobreza.

10:4, a mão negligente causa pobreza, mas a mão do diligente enriquece. Aqueles que cultivam a sua terra terão comida em abundância, mas aqueles que seguem atividades inúteis não têm bom senso. 12:7, e eu poderia listar muitas outras passagens.

Portanto, a preguiça pode ser causa de pobreza, e a preguiça é vergonhosa, segundo Provérbios. 10:5, a criança que ajunta no verão é prudente, mas a criança que dorme na colheita traz vergonha. 10:26, como vinagre para os dentes e fumaça para os olhos, assim são os preguiçosos para seus empregadores.

Ironicamente, as pessoas preguiçosas muitas vezes não percebem a lentidão social que as rodeia, mas na verdade são vítimas do orgulho. 20 :6, 16, o preguiçoso é mais sábio em auto-estima do que o sete que sabe responder com discrição. Então, a preguiça é vergonhosa.

Mas o confronto da preguiça em Provérbios vai além da condenação da preguiça, e Provérbios não correlaciona de forma simplista toda a pobreza com a preguiça. Por exemplo, considere 13:23, o campo dos pobres pode produzir muitos alimentos, mas é varrido pela injustiça. Além disso, a tradição cristã define a preguiça de forma muito mais ampla do que a preguiça.

O pecado da preguiça tem dois componentes, acídia , que significa falta de cuidado, uma indiferença sem objetivo às responsabilidades para com Deus e para com o homem, que está mais próxima do que consideramos preguiça, mas também tristitia , que significa tristeza e tristeza. Nas suas fases finais, a preguiça transforma-se em desespero perante a possibilidade de salvação, perante a possibilidade de sermos transformados pela graça de Deus para que possamos agir, crescer e mudar de forma significativa no mundo. Certamente, em Provérbios, a recusa de trabalhar pode ser reconhecida como problemática em termos naturais ou seculares, ao nível básico da natureza.

No entanto, há uma questão maior à espreita em termos da graça redentora, uma recusa em submeter-se com esperança à disciplina piedosa, incluindo o trabalho, que

promove a sabedoria. Frequentemente, Provérbios associa a preguiça a desejos desordenados e insatisfeitos, e essa associação se alinha com a abordagem teológica cristã mais ampla da preguiça. Mas não deveríamos nos apropriar indevidamente do ensinamento de Provérbios ao condenar de forma simplista as pessoas pobres ou celebrar o vício em trabalho.

Em vez disso, deveríamos ouvir atentamente o seu apelo mais profundo, afastando-nos de atividades vãs e da preocupação consigo mesmo, em direção a uma ação esperançosa que amará a Deus e ao próximo. Como os vícios anteriores, o próximo vício capital, a ira, peca contra a temperança. A paixão, por si só, não é o problema, apenas a preocupação com ela, como na preguiça, ou na busca inadequada de objetos apropriados, como na luxúria e na gula, ou na busca de objetos inadequados, como na ganância, quando o dinheiro se torna um fim em si mesmo. .

Da mesma forma, aqui, a ira surge de uma paixão pela justiça que é ativada por alguma injustiça percebida. Muitas vezes a injustiça é bastante real, mas a ira envolve uma resposta desproporcional. Agora continua o debate teológico sobre se, em casos de injustiça genuína, alguma raiva é um vício.

Efésios 4, 26 e 27 parece apoiar a defesa de algum tipo de ira justa. Fique com raiva, mas não peque. Não deixe o sol se pôr sobre a sua raiva e não dê espaço para o diabo.

Mas aqueles pais da igreja que pensavam que nenhuma raiva pode persistir correctamente para além de um mero momento podem desafiar de forma útil a nossa celebração moderna da expressividade e uma tendência para mimar as nossas reacções perigosas. No mínimo, num nível prático, precisamos discernir quando e como surgir qualquer raiva apropriada. Na verdade, nas palavras de De Young, uma rápida leitura de uma concordância bíblica revela uma dúzia de passagens, a maioria delas de Provérbios, que dão conselhos sobre a raiva.

Curiosamente, nenhum deles menciona uma única palavra sobre o objeto da nossa raiva. As passagens sobre a expressão legítima da raiva podem ser brevemente resumidas no conselho, acalme-se, diz ela. Para começar nosso exame de Provérbios sobre esse assunto, primeiro há passagens que tratam da violência que muitas vezes provém da ira.

Às vezes, um meio de obter riquezas, 11:16, a violência pode quase se tornar um fim desejado em si mesma, como no capítulo 13, versículo 2, por exemplo. Os ímpios podem ser violentos por ódio aos justos, 29:10. Frequentemente, os ímpios aliciam os seus vizinhos, 16, 29, com emboscadas usadas como metáfora para as suas palavras, 12:6. Duas vezes somos informados de que a boca dos ímpios esconde a violência, 10:6 e 11.

Contudo, no final, a violência dos ímpios irá varrê -los porque eles se recusam a fazer o que é justo, 21:7. Em segundo lugar, a violência pode ou não ser física, operando metaforicamente em termos de conflito. 10:12a diz que o ódio provoca conflitos. 15, 1a diz que uma palavra dura provoca raiva.

Assim, alguns textos enfocam os instigadores da ira, nos quais até mesmo pessoas sábias podem ocasionalmente cair, ódio, palavras duras e coisas do gênero. Mas esses instigadores não caracterizam pessoas sábias, e vários textos focam, em vez disso, naqueles que são caracterizados pela loucura, muitas vezes usando a imagem de iniciar um incêndio, a pessoa de temperamento explosivo, 15, 18, a pessoa perversa, 16:28, o escarnecedor, 22:10, e 29:18, o fofoqueiro, 16:28, e 26:20, e 21, o ganancioso, e o ímpio também. Deveria ser preocupante perceber que ceder à ira rapidamente coloca uma pessoa entre aqueles que são caracteristicamente tolos, 20:3. Portanto, o início da briga é como deixar sair água, então pare antes que a briga comece, 17:14.

Fogo e água, coisas sobre as quais é fácil perder o controle. Em outra imagem, 26:17, como alguém que pega pelas orelhas um cachorro que passa, é alguém que se intromete na briga de outro. Várias outras passagens poderiam ser mencionadas relacionadas a esse tema, mas por enquanto podemos fazer a pergunta: como evitar conflitos? Bem, o amor cobre todas as ofensas, 10:12.

Uma resposta branda desvia a ira, 15:1. Aqueles que são lentos em irar-se, acalmam a discórdia, 15:18. E em contraste com uma pessoa gananciosa que provoca conflitos, em 28:25, quem confia no Senhor será enriquecido. Agora, já identificada entre os instigadores de conflitos está a calúnia, mas precisamos falar um pouco mais sobre isso.

24:28 e 29. Não seja testemunha contra o seu próximo sem justa causa e não engane com os lábios. Não diga: farei aos outros o que eles fizeram comigo.

Eu lhes pagarei de volta pelo que fizeram. Embora o falso testemunho contra um próximo pareça uma arma eficaz, como 25:18 reconhece, na verdade, como um pardal em seu vôo, como uma andorinha em seu vôo, uma maldição imerecida não leva a lugar nenhum, 26:2. Na verdade, uma língua caluniosa produz raiva tão certamente quanto o vento norte traz chuva, 25:23. No final, então, lábios mentirosos escondem o ódio, e quem profere calúnia é um tolo, 10:18.

Quarto, as loucuras da calúnia e da retribuição se conectam. Visto que, de acordo com Tiago 4:11 e 12, quem calunia usurpa a posição de Deus como legislador e juiz dos outros. E Deus não delega retribuição a qualquer pessoa, a pessoas que não sejam funcionários do governo, mesmo quando as pessoas são genuinamente injustiçadas.

A vingança é minha. Eu retribuirei, diz o Senhor, em Deuteronômio 32 e Romanos 12. Portanto, não diga, retribuirei com o mal.

Espere no Senhor e ele o ajudará, Provérbios 20:22. Como Paulo continua em Romanos 12, se seus inimigos estiverem com fome, dê-lhes pão para comer, e se eles estiverem com sede, dê-lhes água para beber, pois você amontoará brasas vivas sobre suas cabeças, e o Senhor recompensará você, de Provérbios 25. Quer sua aparente vergonha leve ao arrependimento ou não, atender às necessidades de nossos inimigos promove a caridade.

A ira parece compreensível diante dos erros que sofremos, juntamente com a vulnerabilidade muito real que as pessoas injustiçadas sentem. Mas a ira, mesmo a ira desesperada, usurpa orgulhosamente as prerrogativas de Deus, ao mesmo tempo que compreende mal o carácter da justiça. Dado que a justiça de Deus pode incorporar a misericórdia juntamente com a oportunidade de reforma, às vezes pode exigir considerável paciência da nossa parte.

Quinto, a oposição mais ampla de Provérbios à ira diz respeito ao temperamento explosivo. Os tolos mostram imediatamente a sua raiva, mas os prudentes ignoram um insulto, 12:16. Palavras precipitadas trazem golpes de espada, mas a língua dos sábios traz cura, 12:18.

Aquele que é temperamental age tolamente, e o maquinador é odiado, 14:17. Quem é tardio em irar-se tem grande entendimento, mas quem tem temperamento precipitado exalta a loucura, 14:29. De vários ângulos, Provérbios correlaciona o temperamento explosivo com o que é desagradável.

Tolice, ferimento, intrigas, ofensas repetidas e assim por diante. Embora não tenhamos tempo e espaço para buscar com frequência as conexões relevantes com o Novo Testamento, o que desenvolveria mais plenamente a contribuição holística de Provérbios para a teologia bíblica, aqui obviamente vale a pena mencionar o livro de Tiago, especialmente o capítulo 1, versículos 19 e 20, e capítulo 3, versículos 5 e 6, bem como as menções de conflitos, raiva, brigas, dissensões e facções entre as obras da carne que se opõem ao fruto do Espírito em Gálatas 5. A ira não reflete apenas a intemperança, mas também decorre do orgulho. É o contrário, não só da caridade, mas do temor do Senhor, porque estamos tomando em nossas próprias mãos algo que é prerrogativa de Deus em termos de justiça.

Em vez de temer e confiar em Deus para podermos ser pacientes com os outros, tememos a perda para nós mesmos ou para os outros entes queridos e atacamos. No entanto, o Deus a quem dizemos temer é misericordioso e gracioso, lento em irar-se e abundante em amor inabalável, de acordo com um refrão frequentemente repetido do Antigo Testamento. Queremos ser como ele, e Provérbios promove isso.

Muito do que Provérbios chama de conflito pode envolver componentes de outro vício capital, inveja, um sentido distorcido de justiça ou voltar-se contra outra parte simplesmente por quem ela é ou pelo que tem. A inveja, porém, não é apenas cobiçar o que outra pessoa tem ou sentir ciúme daquilo que poderia ou deveria pertencer a si mesmo. Inveja é desejar ter o que outra pessoa tem e desejar que ela não tenha.

A inveja, em outras palavras, tem o próximo como objeto de ataque, não apenas focando prioritariamente um objeto de desejo. A inveja infelizmente é parte integrante da história bíblica quase desde o início, já que só pode haver um Deus, para desejar o fruto da árvore por ser como Deus, atacou o soberano divino diretamente no jardim. A narrativa logo segue com o assassinato de Abel por Caim, que ocorreu por inveja da aprovação de Deus.

A inveja trata ainda mais profundamente do que a cobiça ou o ciúme de quem estamos por dentro, violando ambos os aspectos da caridade, do amor a Deus e do amor ao próximo. Agora, como deveríamos esperar, Provérbios confronta a inveja de forma menos explícita do que outros vícios. Embora Provérbios trate do caráter, não apenas do comportamento, o tipo de literatura em que Provérbios envolve imagens concretas em sua maior parte.

Estas imagens concretas centram-se principalmente nas práticas sociais e manifestações públicas resultantes, como o discurso, e não diretamente nas próprias disposições internas. É difícil falar sobre isso da maneira que Provérbios faz. Assim, é difícil confrontar a inveja diretamente com o tipo de conselho que Provérbios costuma dar.

No entanto, Provérbios diz abertamente, não inveje os ímpios e não inveje os ricos nos capítulos 23 e 24. Além disso, muitas causas de inveja são igualmente confrontadas em Provérbios, em termos de luxúria, gula e ganância. As razões para não invejar os ímpios ou os ricos são familiares.

O seu hedonismo ironicamente leva à pobreza. Eles introduzem caos e conflito na ordem social e não têm futuro, mesmo que não saibamos exatamente como Deus irá lidar com eles. Provérbios descreve a inveja dos ricos como um fato infeliz da vida cultural.

Capítulo 14, versículos 20 e 21, os pobres são odiados até pelos vizinhos, mas os ricos têm muitos amigos. Aqueles que desprezam o próximo são pecadores, mas felizes são aqueles que são gentis com os pobres. Provérbios também confronta atitudes problemáticas em relação ao próximo que podem refletir e gerar inveja.

Quem menospreza o outro não tem bom senso, mas quem é inteligente permanece calado, 11: 12. As almas dos ímpios desejam o mal. Seus vizinhos não encontram misericórdia em seus olhos, 21:10.

Não se alegre quando seus inimigos caírem e não deixe seu coração se alegrar quando eles tropeçarem, caso contrário o Senhor verá isso e ficará descontente e desviará sua ira deles, 24:17 e 18, e assim por diante. O poder da inveja é evidente no capítulo 27 e versículo 4. A ira é feroz e a ira é uma inundação, mas quem pode resistir ao ciúme? E em 14:30, a vida do corpo é um coração saudável, mas o ciúme é uma podridão dos ossos, como traduz Tremper Longman. O ciúme pode ter uma conotação positiva dentro de uma aliança quando Deus ou uma pessoa casada é apropriadamente zelosa pela fidelidade amorosa de seu parceiro.

Aqui, porém, estamos lidando com a inveja podre que corrói o interior da pessoa até vir à tona de uma forma que espalha danos. Em última análise, portanto, o vício capital do orgulho precede a queda. Um senso distorcido de si mesmo, seja inflado pela glória ou esvaziado pela incapacidade de confiar no amor de Deus, desordena nossos desejos por bens materiais, como na luxúria, na gula e na ganância, e desordena nossas respostas a outras pessoas, como na ira e na inveja. .

Se a distorção de ser desanimado, de ser incapaz de confiar no amor de Deus, da preguiça, pode às vezes ser publicamente evidente, enquanto parece que o orgulho pode ser escondido, isso é apenas um contraste relativo. O orgulho eventualmente se manifestará e então encontraremos a vanglória. Os dois são conceitualmente distinguíveis.

O orgulho trata do esforço para promover a si mesmo de maneira que ele aprove. A vanglória trata do esforço para agradar aos outros. A excelência pode ser uma busca legítima e apropriada para ser reconhecida por uma cultura.

Porém, na nossa cultura contemporânea, e provavelmente em muitas outras, as pessoas estão mais interessadas na opinião dos outros do que na própria excelência, e esta miopia aproxima a vanglória e o orgulho. É irônico que o desejo contemporâneo de autenticidade e auto-expressão possa coexistir com uma necessidade covarde de afirmação dos outros. As redes sociais, como são chamadas, ou as redes antissociais, como podem ser, exigem muita reflexão particular sobre esta sobreposição entre vanglória e orgulho neste momento.

A vanglória pode envolver buscar elogios por algo indigno, ou buscar elogios de uma fonte inútil, mas também buscar elogios de outros para si mesmo, e não para o bem de Deus ou do próximo. O orgulho pode envolver ver-se como a causa das conquistas, acreditar que merece essas conquistas, mesmo que venham de Deus, gabar-se de qualidades que realmente lhe faltam ou desprezar outros que não têm o que você tem. Essa lista vem especialmente de Schimmel.

A celebração distintiva da humildade na sabedoria bíblica não se opõe à dignidade, à liberdade e à individualidade humanas adequadas. Provérbios presume que o temor do Senhor e a orientação tradicional colocam o eu num contexto que torna possível deleitar-se no mundo criado e na comunidade humana, desenvolver-se como uma pessoa saudável cuja singularidade emerge em honrar a Deus e abençoar os outros, em vez de ser radicalmente autônomo. Dado o quanto somos realmente moldados pelos nossos contextos relacionais, quer o admitamos ou não, a escolha não é entre a individualidade humana e as comunidades tradicionais, mas sim entre vários tipos de formação social.

A humildade, então, não envolve rastejar como um verme, negando a dignidade do indivíduo ou a singularidade do indivíduo, mas, em vez disso, recusando-se a pensar em si mesmo de forma mais elevada do que deveria, reconhecendo não apenas suas fraquezas particulares, mas também seus pontos fortes particulares. em relação a Deus e aos outros. Romanos 12:3. Quando chegamos à forma como Provérbios trata o orgulho, vemos rapidamente que Deus se opõe aos orgulhosos. 15:25, por exemplo, o Senhor destrói a casa dos orgulhosos, mas mantém os limites da viúva.

16:5, todos aqueles que são arrogantes são uma abominação para o Senhor. Tenha certeza de que eles não ficarão impunes. 16:18 e 19, é famoso que o orgulho precede a destruição e um espírito altivo antes da queda.

É melhor ser humilde de espírito entre os pobres do que dividir o despojo com os orgulhosos. Por outro lado, 22:4, a recompensa pela humildade e temor do Senhor é riqueza, honra e vida. O perigo do orgulho é claro em 26:12. Você vê pessoas sábias aos seus próprios olhos? Há mais esperança para os tolos do que para eles.

Na raiz da loucura, poderíamos dizer, está o orgulho. No entanto, Provérbios não rejeita todas as formas de busca de honra. O livro enfatiza que o orgulho, na verdade, traz desonra e humildade, o contrário.

Capítulo 11, versículo 2. Quando chega o orgulho, vem a desgraça, mas a sabedoria está com os humildes. Uma comunidade saudável reconhece a sabedoria das pessoas humildes e desconsidera os tolos. 26.1, como a neve no verão ou a chuva na colheita, assim a honra não convém ao tolo.

22:1, um bom nome deve ser escolhido em vez de grandes riquezas e favor é melhor do que prata ou ouro. Há uma diferença entre buscar orgulhosamente a honra apenas para si mesmo em detrimento dos outros ou negar ter recebido dons divinos. Há uma diferença entre isso e buscar aceitação como membro responsável de uma comunidade que cumpre convênios.

Na verdade, adverte Agostinho, que muitas vezes o desprezo pela vanglória se torna uma fonte de ainda mais vanglória, pois não é ser desprezado quando o desprezo pela vanglória é algo de que alguém se orgulha. Podemos tentar nos posicionar como se fôssemos pessoas humildes, como o estranho novo tique dos atletas que dizem que ficam realmente humilhados ao receber alguma homenagem. Esse tique verbal é bastante revelador sobre uma espécie de falsa humildade em nossa cultura.

Assim, vários provérbios indicam que o status social é um teste de carácter. 27:21, o cadinho é para a prata e a fornalha é para o ouro, então uma pessoa é testada ao ser elogiada. Há uma tentação de obter favores dos outros em vez de lidar com a verdade em amor.

Devemos, contudo, acreditar que quem repreende uma pessoa encontrará depois mais favor do que quem lisonjeia com a língua. 28:23, numa comunidade de aliança saudável, a aprovação social pode seguir-se à acção piedosa, mas num mundo caído, muitas vezes precisamos de coragem suficiente para temer a Deus em vez de sermos escravizados pelas opiniões dos outros. Afinal, as aparências enganam.

Como observamos anteriormente, alguns fingem ser ricos mas não têm nada, e outros fingem ser pobres mas têm grande riqueza. Como comenta Agostinho, o que realmente devemos temer em relação às riquezas é o orgulho. Ele usa a analogia de um odre de vinho inchado para ilustrar a maneira pela qual uma pessoa que depende das riquezas pode parecer satisfeita, mas na verdade é um mendigo vazio.

E os tolos podem projetar confiança, mas deveríamos reconhecer a sabedoria de uma forma diferente. 12:15, os tolos pensam que seu caminho é certo, mas os sábios ouvem os conselhos. 13:10, por insolência, os desatentos provocam conflitos, mas a sabedoria está com aqueles que seguem conselhos.

Em suma, como o oposto do orgulho, a humildade bíblica promove um carácter virtuoso através do temor de Deus pela fé, conduzindo à caridade, o oposto da luxúria e de outros vícios capitais. Tal humildade não destrói a individualidade nem nega qualquer forma de estatuto social. Procurar evitar o descrédito moral na comunidade da aliança é um objetivo legítimo.

Buscar o reconhecimento como pessoa sábia pode ser saudável. O orgulho mortal envolve-se quando as pessoas buscam o reconhecimento contra os outros ou à parte da graça divina, deixando de amar a Deus e ao próximo, servindo apenas a si mesmas. A analogia que temos desenvolvido entre a família divina e a humana na pedagogia de Provérbios reforça a letalidade do orgulho.

Aqueles que se recusam a aceitar a correção de amigos e pais terrenos rejeitam arrogantemente a disciplina de Deus. Como o oposto de temer ao Senhor, o orgulho

precede uma eventual queda. Mas às vezes temer ao Senhor exigirá uma individualidade corajosa contra a gangue, uma implicação de verdadeira humildade.

Na verdade, as pessoas podem desenvolver alguns elementos preliminares de prudência ou outras virtudes cardeais além da fé, mas mesmo esse progresso moral modesto exigiria uma medida de humildade para ouvir as pessoas certas da maneira certa. Podemos esperar, pela graça de Deus, que esta humildade aponte as pessoas que estão inicialmente no caminho da virtude em direção às suas necessidades espirituais mais profundas, desenvolvendo finalmente as virtudes teológicas nelas, conectando-as com o temor do Senhor como o início da verdadeira, holística, sabedoria integrada.

Este é o Dr. Daniel J. Treier em seu ensinamento sobre Provérbios para a Vida Cristã. Esta é a sessão número três, Provérbios 10-29, Vícios Capitais.